

Os caminhos da ética ambiental e a ecoeconomia

Rosana de Almeida

Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

Falar sobre um assunto que não se domina é um desafio, mas também é uma oportunidade para conhecer um pouco mais sobre algo que se ouve falar nos noticiários, em comentários entre colegas, de especialistas em revistas etc. Através desta pesquisa buscou-se compreender os conceitos, conhecê-los mais profundamente e entender os movimentos que hoje estão se estabelecendo em relação ao tema meio ambiente. Basicamente este trabalho se fundamenta nos estudos de um economista, Hugo Ferraz Penteado, que não se intitula como ecologista, mas que acredita que não dá para separar a economia da ecologia. Ele acredita ainda que se atravesse um período de transição, buscando respostas e que não se pode propor nenhuma mudança que não seja dentro do núcleo dos negócios. Porém, essa mudança não pode ou não deve ficar somente no discurso, no papel, mas deve partir para a práxis, em uma nova mentalidade e em uma nova ação sustentável.

Palavras chave: Ética ambiental; Economia; Ecoeconomia.

Paths of the environmental ethics and ecoeconomy

Abstract

To talk about a subject which one does not have complete domain is a challenge, but also an opportunity to know a little more about something that people hear at the news, friends comments and magazines specialists. The objective of this research was to understand the concepts, to know it in a more deep way and understand the nowadays movements that are establishing regarding the environment theme. Basically this work is based on the studies of the economist Hugo Ferraz Penteado, Who does not tittles himself as an ecologist, but believes that it is not possible to separate economy from ecology. He believes that mankind is going through a transition period, searching answers and it is not possible to propose any change that it is not inside the business nucleous. However, this change can't or must not remain only at speach or paper, but go to practice, in a new mind set and in a new sustainable action.

Keywords: Environmental Ethics; Economy; Ecoeconomy.

Introdução

Algumas definições sobre ética ambiental e ecoeconomia se fazem necessárias antes de se tratar das relações entre esses conceitos, pois, acredita-se que a ética ambiental advém da *Ethos*, como lembra Leonardo Boff em seu livro *A Ética da Vida* (2000, p.), “que é a capacidade de ordenar responsabilmente os comportamentos com os outros e com o mundo circulante, para que possamos viver na justiça, na cooperação e na paz, no interior da casa comum dos humanos.” Essa categoria foi esquecida durante a modernidade, focada na razão instrumental-analítica e só depois das duas guerras mundiais é que se começou a revalorizá-lo. Diante das ameaças anunciadas e vivenciadas pelo homem hoje, a ética ambiental pode ser uma resposta à pergunta de como deve-se viver na Terra. Hans Jonas (1979), lembrado por Boff (2000) e Giacoia Júnior (2000) diz que devemos agir de forma que os efeitos das nossas ações sejam compatíveis com uma vida humana em sua plenitude no mundo. De forma que esses efeitos não sejam destrutivos dessa vida hoje e sempre.

A Ecoeconomia, conforme Penteado (2005)¹, parte de uma revisão total dos valores vigentes, não apenas econômicos, mas humanos.

Nós temos que entender que fazemos parte de um corpo imortal chamado espécie humana e que esse corpo depende de uma série de elos com a natureza, sem os quais, irá perecer. Uma vez entendido que se trata de um corpo imortal, cujas ações repercutirão sobre as gerações futuras, precisamos remodelar nosso sistema de valores em busca do equilíbrio. (S/P).

Ao contrário do que muitos pensam, os principais motivos da Ecoeconomia ter surgido não foi o buraco da camada de Ozônio e sim os fracassos nas áreas sociais e ambientais, apesar da enorme expansão econômica e

¹ Entrevista de Hugo Penteado ao Boletim Economia e Meio Ambiente do IBPS – Instituto Brasileiro de Produção Sustentável e Direito Ambiental em 18/10/2005. Autor do livro *Ecoeconomia – Uma nova abordagem* (2003). Economista-chefe e estrategista de investimentos do ABN AMRO Asset Management.

do desenvolvimento dos últimos anos. Hoje, os níveis de uso dos recursos finitos da Terra são alarmantes. Recursos finitos leiam-se recursos naturais como água e solo ou o equilíbrio climático-ecológico entre as espécies vivas, sem o qual não sobrevive-se na Terra. Lester Brown² batizou esse fenômeno de aceleração histórica: em um ano somos capazes de produzir mais bens e serviços que desde o início da humanidade até a Segunda Guerra Mundial.

A Ecoeconomia é a junção dos valores e do sentido da economia e da ecologia. Seria uma mudança da visão mundial da forma como se vê o relacionamento entre a Terra e a economia. Normalmente, os economistas vêem o meio ambiente como um subconjunto da economia. Os ecólogos, ao contrário, consideram a economia um subconjunto do meio ambiente.

Embora o conceito de que a economia deva estar integrada à ecologia possa parecer radical para muitos, provas se acumulam indicando que é a única abordagem que reflete a realidade. A Ecoeconomia seria uma nova visão, assim como Thomas Khun chama de mudança de paradigma. A Ecoeconomia seria um novo paradigma, onde a única formulação de política econômica que terá sucesso é a baseada em princípios ecológicos, como sustenta Lester Brown (2003).

A teoria econômica

Segundo Penteadó (2005), a teoria econômica, independentemente de sua corrente, possui três mitos:

- a) **Mito Mecanicista:** Os processos econômicos são explicados com as leis da mecânica e por essas leis o sistema econômico é considerado neutro para o meio ambiente. Todos os processos econômicos mecanicistas são reversíveis, previsíveis e incapazes de gerar mudanças qualitativas no sistema. Ou seja, podemos passar um trator na Amazônia, basta dar marcha-ré que nada aconteceu. Essa crença não só é inútil, bem como, por uma série de perguntas sem resposta, os

² Autor do livro Eco-Economia: construindo uma economia para a terra. Lester R. Brown. Salvador: UMA, 2003. Disponível em [HTTP://www.wiiuma.org.br](http://www.wiiuma.org.br). Acessado em 13/11/2007.

economistas que derivaram suas teorias da mecânica, não foram capazes de adaptá-las para o avanço da Física que mudou a forma como se vê a realidade. Na verdade, os processos físicos econômicos geram mudanças qualitativas definitivas no sistema. Está na hora de reconhecer isso, pois são esses processos que estão por trás da destruição acelerada dos ecossistemas e da maior extinção da vida na Terra dos últimos 65 milhões de anos.

b) **Mito Tecnológico:** Embora a tecnologia dependa de outras ciências que não a Economia, os economistas utilizam os avanços tecnológicos para concluir que o meio ambiente é inesgotável. Os ganhos de eficiência são risíveis quando comparados ao tamanho da escala produtiva atual, pela qual em um ano produz-se mais que em 100 anos e não para de crescer esses fluxos, ignorando veementemente os estoques acumulativos de bens, serviços e pessoas sobre a Terra. Se reduzir bastante o consumo dos recursos naturais por unidade de produto, ao multiplicar pelo total do produto, percebe-se como o consumo absoluto dos recursos cresceu exponencialmente, causando devastação global.

c) **Mito Neoliberal:** Se os dois primeiros mitos tornam possível acreditar no crescimento eterno de estruturas materiais e populações, o terceiro mito justifica esse objetivo. Crescer por crescer não tem apelo algum, mas dizer que só o crescimento produz benesses sociais acaba justificando todas as tragédias que estão sendo produzidas. É um cego guiando outro cego, uma vez que não existe a menor relação entre crescimento econômico e desenvolvimento e entre crescimento econômico e bem estar ou geração de empregos. Está na hora de parar de acreditar nas estatísticas e encarar as conseqüências inequívocas do crescimento: concentração de riqueza, destruição dos empregos e da natureza. A concentração de riqueza, que hoje no mundo todo está historicamente elevada, também impede que boas decisões políticas sejam tomadas.

Os mitos fazem com que os economistas só analisem a economia em termos de fluxos e taxas percentuais, não olhando o consumo absoluto, o estoque das estruturas, como casas e carros, e o impacto ambiental dessa acumulação. Também não observam o crescimento populacional contínuo, de mais de 200.000 pessoas vivendo na Terra, olhando só a taxa de crescimento percentual da população. O mesmo vale para o crescimento do PIB. Os mitos fazem com que as pessoas olhem para o que menos interessa, sem se preocupar com os reais impactos para a sociedade e a questão ambiental seriíssima que se vive hoje. Um dia, ninguém sabe quando, esse pesadelo terá um custo muito alto para todos, sem exceção. (PENTEADO, 2007).

Os economistas agem como se a natureza não fosse uma variável relevante. Muitos textos e declarações desmistificam a preocupação com a questão ambiental e com a restrição ao crescimento de um planeta finito, abraçando “estatísticas”, onde a dúvida deveria ser maior que a certeza, declarando que o aquecimento global é um não evento para as economias. Com essa visão dos economistas, criou-se uma economia fora de sincronia do ecossistema do qual ela pertence.

O que se tem feito

Desde 1992 as questões ambientais vêm caminhando a passos muito lentos e pouca coisa pode ser vista na prática daquilo que foi decidido e acertado na tentativa de reverter o grave quadro da problemática ambiental. Sem considerar as dificuldades oriundas das deficiências do sistema econômico e político.

Para Penteado (2007) existem vários entraves para as iniciativas ambientais. O primeiro deles está na própria teoria econômica que é incapaz de reconhecer o problema, pois parte do princípio irreal que o sistema econômico é neutro para o meio ambiente e o meio ambiente é inesgotável. O segundo

³ Eco 92 – Brasil - Eco 92, como é popularmente conhecida a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, em 1992. O evento revelou a força das **ONGs**, que fizeram um encontro de grande repercussão. Além disso, adicionou na agenda das discussões internacionais a questão do desenvolvimento sustentável.

entreve está na falta da evidência de um colapso ambiental definitivo. O argumento dos céticos é que pode ser rico como os Estados Unidos, afinal, trata-se de um país rico e limpo. Porém, os países ricos como os Estados Unidos e a Europa não são limpos. Hugo Penteadado dá informações de que de acordo com a agência ambiental norte-americana, metade dos rios, lagos e zonas estatuárias daqueles países estão contaminados (com mercúrio, entre outras coisas) e poluídos. Sem falar na questão da destruição de florestas. Criaram processos industriais que agrediram o meio ambiente e a sociedade de forma brutal. Caso acredita-se que os Estados Unidos são limpos, podem-se fechar todos os portos para os recursos da natureza que ele importa e nada acontecerá. Na verdade, os Estados Unidos não vivem um colapso ambiental, e a China idem, por causa do comércio global. O autor ainda afirma que: “Os habitantes dessa ‘Ilha de Páscoa maior’ estão sendo capazes de, após derrubar a última árvore, continuar derrubando a de outros países”.

O comércio global, que não dá a menor importância para custos ambientais e sociais, é um mecanismo que impede que países grandes sugadores de recursos da Terra entrem em colapso. Esses países, ao importarem produtos do Brasil, exportam para cá a sua própria insustentabilidade ambiental e os economistas comemoram com os dólares dessas exportações, que geram pouquíssimos empregos e pouco resultado social, além de devastar nosso meio ambiente. Nada está sendo cobrado por transformar de forma crescente a floresta Amazônica em uma monocultura. Na verdade isso é aplaudido pelos economistas e pelos mercados financeiros. O mais assustador, alerta Penteadado, é que a partir de um determinado ponto a floresta irá se destruir sozinha, automaticamente e sem a floresta a região sudeste do Brasil ficará sem água.

Boff (informação verbal)⁴ também compactua com essa visão no momento que afirma que:

A sustentabilidade é uma palavra associada ao desenvolvimento sustentável como um engodo que quer esvaziar o discurso ecológico. A economia visa a produção, potenciar o consumo e gerar riqueza. Na realidade ela devasta a natureza e cria grandes desigualdades sociais.

Finalmente, os economistas estão convencidos em não se preocupar com o meio ambiente, como se o mundo não precisasse dele para nada, por três motivos: a) restrição ao fluxo migratório de populações (os Estados Unidos jamais aceitariam receber 60 milhões de brasileiros miseráveis); b) comércio global (o que eu não tenho mais no meio ambiente, importo devastando outras regiões) e c) pobreza mundial (dois terços da humanidade vivem em miséria ou pobreza absoluta, qualquer elevação no seu padrão material colocará em xeque a crença infantil dos economistas sobre a inesgotabilidade do planeta. (PENTEADO, 2005).

Tecnologia ecoeficiente

Penteado ainda acredita que a ecoeficiência faz uso dos mesmos mitos da teoria econômica tradicional, não reconhecendo limites nem erros do atual sistema. Um ajuste nos sistemas de produção e consumo, com vistas a aumentar os lucros, é visto como oportunidade de ganhos e não como revisão dos erros atuais. Um exemplo dado por ele é que haverá sempre um limite para produzir carros ecoeficientes ou não, ou seja, não se poderão produzir três trilhões de carros só porque eles são ecoeficientes. Afirma que é impossível imaginar que tem que fazer crescer a produção de todos os bens sem esbarrar em limites.

⁴ Leonardo Boff, filósofo, escritor e teólogo. Palestra proferida no Fórum Global da Sociedade Civil (durante MOP3 e COP8 da CDB) Curitiba de 13 a 31 de março de 2006. Disponível em <http://www.terrazul.m2014.net/spip.php?article345> -

Ciclo vicioso

Um carro produzido não irá para a copa de uma árvore, requer asfaltamento da terra, que deixa de ser um reservatório de biodiversidade e deixa de ser usada para agricultura. Num espaço finito como a Terra, o uso para uma determinada finalidade é concorrencial com os demais usos. No entanto, apesar da ecoeficiência ser um arremate de uma teoria totalmente equivocada e apesar dela não ser suficiente para resolver o problema, pelo menos da forma que é necessária para conciliar a sobrevivência econômica com a da espécie animal, ela, ainda assim, é fundamental e deve ser perseguida a todo custo. Trata-se de uma questão de lógica: se ela não é suficiente, é então ainda mais importante, por ser educativa e por dar mais tempo para reconhecermos os absurdos do sistema atual.

Penteado (2005) ainda coloca que o atual consumismo exacerbado em cima de um sistema do tipo extrai-produz-descarta, precisa ser abolido. Ele não é capaz de atender as demandas sociais gerando empregos e só está produzindo uma concentração de riqueza extrema, além da destruição perigosa da natureza. Esse fluxo linear econômico tem que ser substituído por um fluxo circular ecoeconômico, onde serão mimetizados os mesmos mecanismos regenerativos da natureza. Em vez de privilegiar o uso de recursos naturais finitos, como fertilizantes agrícolas, petróleo e metais, será privilegiado o uso de recursos renováveis, embora dois desses recursos são, e sempre serão, finitos: solo e água. E no sentido de privilegiar atividades extrativistas ou mineradoras, será adotada a reciclagem, reutilização e redução do consumo material. Em vez de valorizar apenas o tangível, como bens, serão preferíveis serviços, ou os intangíveis. Em vez de usar as tecnologias para impactar mais o meio ambiente, serão usadas para desmaterializar o mundo, reduzindo consumo de papel por arquivos eletrônicos, viagens por videoconferências, escritórios por trabalhar em casa. Em vez de transporte particular, optar por vias públicas arborizadas sem carros e por transportes coletivos. Serão cortados os excessos materiais na busca dos elos intangíveis.

“Por enquanto, os economistas só dão valor para uma árvore quando ela está derrubada no chão, quando ela vira uma tora. Se só uma tora tem valor, o que estamos esperando para destruir de uma vez a Amazônia?” (PENTEADO, informação verbal)⁵

O risco econômico está na necessidade de crescer quantitativamente a qualquer custo para garantir a saúde financeira de três sistemas principais: o mercado financeiro, o previdenciário e o fiscal. Dado que o crescimento econômico é impossível do ponto de vista do espaço físico e ambiental, esses sistemas estão fadados à falência. O que vamos ver nos próximos anos é uma enorme crise econômica que pode acontecer muito antes da crise ecológica". (PENTEADO, informação verbal)⁶

O PIB e os estoques

Para o autor (op. Cit.) está na hora do PIB⁷ capturar o valor dos estoques da natureza e descontar a exaustão dos recursos; de países importadores de recursos naturais começarem a considerar isso um passivo e não um ativo barato, ofertado infinitamente por países produtores como o Brasil e a custo socioambiental zero. Além de todos esses ajustes no fluxo de consumo e produção e na relação pessoal com os bens, com a matéria e com as pessoas, faz-se necessário encarar a necessidade de viver em cima de estoques e não em cima de fluxos. O PIB é um fluxo submetido a um crescimento exponencial infinito. Os economistas adicionaram, ano a ano, milhões e milhões de carros e casas, entre outras coisas, ocupando espaços que, uma vez degradados, deixam de reciclar o ar que é respirado, a água para beber, a biodiversidade e todos os

⁵ PENTEADO, Hugo Ferraz. Entrevista concedida ao Instituto Ehtos. **Críticas às políticas econômicas que desprezam o meio ambiente.** Em 12/02/2007. Disponível no site www.ethos.org.br,

⁶ Idem 5

⁷ PIB –O **Produto Interno Bruto (PIB)** representa a soma (em valores monetários) de todos os bens e serviços finais produzidos em uma determinada região (qual seja, [países](#), [estados](#), [cidades](#)), durante um período determinado (mês, trimestre, ano, etc). O PIB é um dos indicadores mais utilizados na [macroeconomia](#) com o objetivo de mensurar a atividade econômica de uma região. Na contagem do PIB, considera-se apenas bens e serviços finais, excluindo da conta todos os [bens de consumo de intermediário](#) ([insumos](#)). Isso é feito com o intuito de evitar o problema da [dupla contagem](#), quando valores gerados na cadeia de produção aparecem contados duas vezes na soma do PIB.

serviços da natureza, sem os quais o ser humano não sobrevive. Mudar o fluxo de consumo e produção, desmaterializando, redimensionar a economia, dar valor aos intangíveis, como medicina preventiva, e reconhecer limites vivendo dos estoques será o único caminho possível para a humanidade.

A redistribuição de riqueza

A redistribuição de riqueza é fundamental e é outro ponto que, segundo Penteadó (2007), já foi extensamente discutido pela teoria neoliberal, supostamente seguida por economistas sábios que ignoram que foram os liberais clássicos que deram a formulação teórica do imposto sobre grandes fortunas. Esse assunto é ainda considerado tabu. A história mostra que uma enorme concentração de riqueza, como a que se vive mundialmente hoje, é geralmente seguida de uma distribuição forçada. Ninguém tem interesse num colapso desses, nem os mais ricos, posto que todos fazem parte de uma sociedade e tudo que se tem, deve-se a ela.

O Brasil como economia escrava

Penteadó (2007) não acredita que a economia brasileira seja escrava dos países ricos, pelo menos não no sentido econômico, pois, na visão dele, os países ricos mais tiram do que dão recursos, mesmo que se quisesse ignorar a questão ambiental. A economia brasileira, e a de muitos países, é escrava de uma ideologia que tem produzido resultados socioambientais assustadores e que, por ser uma ideologia, não é questionada pelos intelectuais de plantão. A ideologia dominante prega que a liberdade total aos indivíduos produz o máximo de bem estar social com o mínimo de esforço dos governos. No entanto, de acordo com os clássicos, isso é verdadeiro se todas as pessoas forem iguais. A concentração de riqueza destroça a democracia, impede que os políticos trabalhem para mudar a matriz energética, para manter o sistema de saúde operante, para construir cisternas ao invés de transpor rios.

O Brasil precisa romper com o modelo econômico e salvar a sua natureza, cobrando pelo seu uso dentro e fora, extraindo dela, resultados socioambientais realmente sustentáveis. Ele sustenta que essa adoração pelas exportações seja injustificável, pois além de destroçar elos ambientais que irão afetar dezenas de milhões de brasileiros, não estarão gerando resultados em criação de empregos de forma significativa. Pior ainda, qualquer virada na demanda externa e todos os parques empregos do setor agro-exportador irão desaparecer. Não está sendo falado de empregabilidade permanente ou de solução de trabalho permanente em quase nenhuma esfera da economia, simplesmente porque a maior parte da força de trabalho que continuou empregada, apesar da tecnologia, está ligada a forças econômicas globais e não locais. Não se trata de explorar e estimular a criatividade individual, nem os negócios locais ou a economia local, e sim submeter todos a uma tirania da ideologia global, que nada tem trazido de benefício, exceto a miséria, a submissão e o medo.

Lembrando também Haesbaert (2006, p.94), quanto ao “pensar globalmente e agir localmente”; das forças econômicas globais e locais, num sentido mais geral, os estudos sobre a “territorialização”, compreendida como o conjunto das múltiplas formas de construção/apropriação (concreta ou simbólica) do espaço social, em sua interação com elementos como o poder (político/disciplinar), os interesses econômicos, as necessidades ecológicas e o desejo, a subjetividade, é possível concluir propondo duas questões básicas: a) a interação/segmentação entre os diferentes dispositivos e estratégias territoriais promovidos pelos distintos grupos sociais, seja na ordem mais objetiva da funcionalidade (econômico-produtiva, político-disciplinar), seja na ordem simbólica, mais subjetiva (cultural ou “das mentalidades”); b) a interação/segmentação entre diferentes escalas espaço-temporais (geográficas e históricas) de territorialização/desterritorialização (nas quais o espaço capitalista é pródigo).

Santos (2007, p. 21), diz que a questão da territorialização e globalização é uma crise estrutural:

A tirania do dinheiro e a tirania da informação são os pilares da produção da história atual do capitalismo globalizado. Sem o controle dos espíritos seria impossível a regulação pelas finanças. Daí o papel avassalador do sistema financeiro e a permissividade do comportamento dos atores hegemônicos, que agem sem contrapartida, levando ao aprofundamento da situação, isto é, da crise.

Quando abre-se fronteiras agrícolas aqui no Brasil, deixa-se de lembrar que é o único País com fronteira em expansão no mundo hoje. Os economistas tradicionais comemoram, mas os economistas ecológicos enxergam nisso uma atividade que importa para dentro do Brasil a insustentabilidade ambiental de países ricos e populosos como a China, cujo déficit de alimentos não só já existe como vai aumentar. O USDA, Departamento Agrícola Americano, prevê déficit de produção de alimentos nos Estados Unidos com a exaustão do aquífero fóssil Ogallala⁸ e na China com a perda de solo fértil. Isso tudo para alimentar uma enorme população que ainda cresce 14 milhões por ano. (PENTEADO, 2007).

O caos social e ambiental

Para Penteado (2007), o caos pode ser definitivo e já está sendo vivido o caos social e ambiental, e este só não está sendo enxergado devido uma manipulação total das nossas mentes. O caos já foi instaurado nas cidades, na agricultura, no clima, nas guerras e na miséria humana. Está na hora de reconhecer a falência do sistema e tentar corrigir as suas mazelas. A solução passa por uma mão menos invisível dos governos, por uma regra tributária amigável ao meio ambiente, por um estímulo aos pequenos empresários, comerciantes, pela educação e desenvolvimento das aptidões individuais, por

⁸ Nos Estados Unidos, fazendeiros dos altiplanos estão retirando água do Aquífero Ogallala - um dos mais antigos aquíferos fósseis do mundo - em um ritmo oito vezes maior do que a taxa de reposição desta reserva. Disponível em www.altino.blogspot.com.br, acesso em 03/11/07.

uma reformulação do ensino e das nossas mentes, cuja palavra de ordem é crescer e enriquecer, embora isso não faça o menor sentido do ponto de vista coletivo. A questão ambiental faz parte de 100% da vida humana, embora cada um a ignore durante o 100% de tempo de vida. Segundo Penteadó (informação verbal)⁹: "Não há crescimento econômico sem total desfiguração dos ecossistemas e sem estar colocando toda a vida na Terra, inclusive a dos homens, em total perigo".

O crescimento populacional

Acredita-se que o crescimento populacional é tanto um problema econômico como ecológico e não pode ser ignorado. Na equação de Solow; Swan¹⁰ ele é menosprezado dando espaço ao avanço tecnológico e isso é mais um erro teórico.

Os países ricos estão preocupadíssimos com o baixo crescimento populacional, pois as populações no mundo todo estão envelhecendo e os custos com a previdência estão explodindo. As populações da China e da Índia mostram erradamente que se pode ter número gigantesco de pessoas nos países sem o menor problema, mas essa é uma análise superficial, pois grande parte dessas populações vive na miséria.

De qualquer forma, o mito de espaço infinito para tudo e todos fez com que não se preocupasse com o crescimento absoluto e olhasse apenas para o crescimento percentual populacional, que despencou nos últimos 30 anos. Os demógrafos falam que a população vai estabilizar algum dia, ao mesmo tempo em que toda a mídia e o governo estimulam um baby boom. Sem crescimento

⁹ PENTEADO, Hugo Ferraz. Entrevista concedida ao Instituto Ehtos. **Críticas às políticas econômicas que desprezam o meio ambiente.** Em 12/02/2007. Disponível no site www.ethos.org.br.

¹⁰ Na década de 50, Robert Solow e Trevor W. Swan criaram, ainda que separadamente, o que ficou conhecido como o Modelo de Crescimento Solow-Swan. A lógica do modelo é que está por trás das pesquisas sobre Convergência. Para entender porque é possível países mais pobres crescerem mais rápido que países ricos, é necessário entender a dinâmica do modelo. O modelo Solow-Swan formaliza a noção de que o crescimento econômico vem da acumulação de bens de capital. Quanto mais capital por trabalhador, maior a produtividade do trabalho e, portanto, maior o produto.

populacional o sistema de previdência de repartição simples vai falir. Penteado afirma que jamais deveria ter sido implementado um sistema no mundo que não fosse o de capitalização.

A dependência financeira de uma geração de pessoas em relação à outra conta com o mito de crescer sempre e cada vez mais, tanto do ponto de vista populacional quanto material. Sem esse crescimento, o sistema de repartição simples na previdência não tem equilíbrio atuarial e já estaria sendo submetido a déficits financeiros crescentes.

Considerações finais

Segundo Penteado, há uma máxima em Filosofia que diz quando interesses estão em jogo, as pessoas ficam completamente cegas. Na verdade, não vive-se hoje uma crise ambiental e econômica e sim uma enorme crise de valores. Não há tempo para discutir essa crise, nem há mais tempo para fazer coisas erradas, mas infelizmente, continua-se preso na obsessão pelo crescimento. Basta ver que as únicas políticas econômicas que importam e que regem o mundo são as de demanda (monetária e fiscal).

Para as teorias econômicas tradicionais pode-se dizer que a produção de bens e serviços - mesmo que finito - não sofre nenhuma restrição e praticamente brota do nada. É com essa visão distorcida do mundo que estão sendo tomadas decisões que influenciam a vida de todos, decisões que estão levando, em primeiro lugar, para uma falência econômica e, em segundo lugar, para um risco ecológico do qual ainda não se sabe o tamanho.

O ser humano acha que ele é capaz de produzir alguma coisa. Infelizmente, a má notícia é que o ser humano não produz nada. O ser humano não produz matéria, não produz energia. Ele é um mero transformador dos recursos. E isso significa que tudo que está em volta, sem exceção, veio da natureza, inclusive o sistema econômico. As duas coisas estão extremamente interligadas e interdependentes. Outra má notícia é que o sistema econômico não

é a ponta forte, e sim a ponta fraca, porque o meio ambiente oferece serviços que não são capazes de produzir e que estão sendo abalados por causa da atuação precária e descuidada em relação ao ecossistema (PENTEADO, 2007).

Uma nova ética salvadora

Pode-se conhecer diversos pensamentos, críticas e reflexões acerca da questão ambiental. Várias contribuições de filósofos, teólogos e também das religiões e doutrinas que foram estudadas, cada uma com sua especificidade, trata do assunto, sempre buscando uma visão integrativa entre ser humano e natureza.

Vimos Garaudy (informação verbal)¹¹ extraindo os princípios norteadores e contributivos para o desenvolvimento de atitudes concretas de diversas religiões. A contribuição da Igreja Messiânica Mundial¹² com abrangência ultra-religiosa, baseada na trilogia Verdade-Bem-Belo, sendo a Verdade a vida em perfeita harmonia com as Leis da Natureza. A religiosidade Chinesa¹³ que entende a condição humana de uma perspectiva afirmativa em que é bom estar vivo; fazer parte do mundo humano e ser possível e desejável poder realizar-se no mundo e por meio dele. E ainda a contribuição de Jürgen Moltmann¹⁴ a uma doutrina ecológica da criação, que abre e emprega múltiplos acessos à comunhão da criação, que podem ser encontrados na tradição, na experiência, na ciência, na sabedoria, na dedução e na indução.

Foi visto também, Lacroix (1966), Jonas (2000) e Boff (2000) refletindo sobre as atitudes fundamentais, sobre a importância dos modos de ser, da ternura e do cuidado, com uma humanidade mais solidária e responsável, com as futuras

¹¹ Trabalho apresentado por Cleber A. S. Baleeiro. Sair do Beco pela Sabedoria das Religiões. Esperança ecológica a partir de Roger Garaudy. Programa de Pós-Graduação Ciências da Religião – disciplina de Ética, em 20/11/07.

¹² Trabalho apresentado por Heloisa Helena Guedes Terror. Por uma Ética Ambiental: Perspectivas da Igreja Messiânica Mundial. Programa de Pós-Graduação Ciências da Religião – disciplina de Ética, em 13/11/07.

¹³ Trabalho apresentado por Hugo Fonseca. Aspectos gerais da religiosidade chinesa em perspectiva ética. Programa de Pós-Graduação Ciências da Religião – disciplina de Ética, em 30/10/07.

¹⁴ Trabalho apresentado por Felipe Faniel Xavier Rodrigues. Ética Ambiental e Teologia: A Contribuição de Jürgen Moltmann. Programa de Pós-Graduação Ciências da Religião – disciplina de Ética, em 16/10/07.

gerações e com a salvaguarda de Gaia¹⁵. Também com Loparik (2003), no estudo de Heidegger, diz que a responsabilidade dos entes no seu todo é de cada um deles. Sendo assim, a responsabilidade para com o sentido do ser entende-se, necessariamente, para com a presença concreta dos outros seres humanos e das coisas.

Uma nova ética salvadora é uma ética ambiental, que coloca na obrigação de rever valores, conceitos, de mudar de idéia em relação ao que se está fazendo, ao outros e à casa. Ainda há tempo, pois, como disse certa vez um jornalista gaúcho, Aparecido Torelli, conhecido como Barão de Itararé: “Triste não é mudar de idéia. Triste é não ter idéias para mudar”.

Referências

BOFF, Leonardo. Palestra proferida no Fórum Global da Sociedade Civil. Curitiba, de 13 a 31/03/2006. **Ética, biodiversidade, educação e sustentabilidade em debate**. Disponível em www.institutoterrazul.org.br, acesso em 05/09/07.

_____. **Ética da Vida**. Brasília: Letraviva, 2000.

BROWN, Lester. **Eco-Economia: construindo uma economia para a terra**. Salvador: UMA, 2003. Disponível em <http://www.wwiUma.org.br>, acesso em 13/11/07.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KROH, Werner. Bases e Perspectivas de uma Ética Ecológica. O problema da responsabilidade pelo futuro como um desafio à teologia. Tradução de Carlos

¹⁵ Gaia - **Gaia**, **Géia** ou **Gê** era a deusa da **Terra**, como elemento primordial e latente de uma potencialidade geradora quase absurda. Segundo Hesíodo, ela é a segunda divindade primordial, nascendo após Caos. Disponível em www.wikipedia.org.br, acesso em 03/11/07.

Almeida Pereira. **Revista Concilium**, no. 236, 1991.

LACROIX, Michel. *Por uma moral Planetária*. São Paulo: Paulinas, 1966.

LOPARIC, Zeljko. **Sobre a responsabilidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

OLIVEIRA, Manfredo A. de (org.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. **Hans Jonas: O Princípio Responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PENTEADO, Hugo Ferraz. Entrevista concedida ao Instituto Ehtos. **Críticas às políticas econômicas que desprezam o meio ambiente**. Em 12/02/2007. Disponível no site www.ethos.org.br, acesso em 03/11/2007.

_____. Entrevista concedida ao Boletim Economia e Meio Ambiente. IBPS – Instituto Brasileiro de Produção Sustentável e Direito Ambiental. **Ecoeconomia – uma nova abordagem**. em 18/10/2005. Disponível no site www.ibps.com.br/index.asp?idnoticia=4058, acesso em 03/11/2007.

_____. Entrevista concedida ao jornal Gazeta Mercantil. **O perigo do crescimento eterno**. Em 05/03/2004. Disponível em www.consciencia.net/2004/mes/03/penteado-perigo.html, acesso em 13/11/07.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 14ª.ed. – Rio de Janeiro; Record, 2007.